

Três discursos em um só. Milton Santos como inspiração na crítica do discurso da sustentabilidade global. Uma perspectiva tupiniquim¹

Iara Maria da Silva Moya²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

A crítica do discurso da sustentabilidade global desvela três discursos em um só e está inspirada em Milton Santos, em sua crítica da globalização, que considera a existência de três mundos em um só: a globalização como fábula; a globalização como perversidade; e a possibilidade de uma outra globalização. Da mesma maneira, em um exercício de fabulação, a sustentabilidade global é apresentada como solução, salvação do mundo, mas esse discurso, de fato, encobre o grande problema da atualidade, sua danação: são exemplos o aquecimento global e as mudanças climáticas, bem como uma pegada ecológica que demanda um planeta e meio. Escolher Milton Santos possibilita, de um lado, entender a vinculação sustentabilidade - globalização na relação global/ mundo frente ao local/ lugar; e, de outro, adotar, no âmbito da teoria crítica, uma perspectiva tupiniquim, um olhar a partir do lugar.

Palavras-chave: comunicação, organizações, crítica do discurso; sustentabilidade global, Milton Santos.

Vivemos num mundo confuso e confusamente percebido. Haveria nisto um paradoxo pedindo uma explicação? De um lado, é abusivamente mencionado o extraordinário progresso das ciências e das técnicas, das quais um dos frutos são os novos materiais artificiais que autorizam a precisão e a intencionalidade. De outro lado, há, também, referência obrigatória à aceleração contemporânea e todas as vertigens que cria, a começar pela própria velocidade. Todos esses, porém, são dados de um mundo físico fabricado pelo homem, cuja utilização, aliás, permite que o mundo se torne esse mundo confuso e confusamente percebido. Explicações mecanicistas são, todavia, insuficientes. É a maneira como, sobre essa base material, se produz a história humana que é a verdadeira responsável pela criação da torre de babel em que vive a nossa era globalizada.

Milton Santos

¹ Trabalho apresentado no GP RP e Comunicação Organizacional do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, email: iaiamoya@usp.br

Introdução

Sustentabilidade é o assunto do momento. Segundo dados da ONU, conforme o documento “Prototype Global Sustainable Development” (UNITED NATIONS, 2014), somente em 2012 foram publicados mais de 150 mil artigos sobre sustentabilidade, por mais de 40 mil autores, em mais de duas mil cidades pelo mundo, o que representa seis vezes mais que nos dez anos anteriores juntos. A questão da sustentabilidade passa a ter destaque com a divulgação do chamado Relatório Brundtland, em 1987, o que resultou na convocação e realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio-92.

A globalização, da mesma maneira, é assunto novo, produto da explosão capitalista na busca de novos mercados. (SANTOS, 2001). No início dos anos 1990, na Biblioteca do Congresso norte-americano, havia 50 livros catalogados sobre globalização. Após o ano 2000, são mais de mil livros sobre esse tema publicados anualmente. (GHEMAWAT, 2011).

Mas o tema da sustentabilidade passa a ter efetiva relevância mundial com a realização da chamada Rio+20, a Conferência das Nações Unidas Sobre o Desenvolvimento Sustentável, em 2012, no Rio de Janeiro, com a divulgação dos impactos da globalização, mais precisamente da produção e do consumo, sobre o planeta. (CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, 2012).

A conferência, que visava reforçar os compromissos com a sustentabilidade, tanto no combate à pobreza como na preservação do meio ambiente, tornou pública as grandes questões: de uma economia global alicerçada no uso de energias fósseis, responsável pelo aquecimento global e as mudanças climáticas, à perda de biodiversidade e ao aumento dos desastres naturais, entre outros aspectos. (VEIGA, 2011). Sustentabilidade e globalização são, dessa maneira, as duas faces da mesma moeda, vínculo que a própria ONU já indicava na Declaração do Milênio, em 2000. (UNITED NATIONS MILLENNIUM DECLARATION, 2000).

Se a sustentabilidade é a face reversa da globalização, Milton Santos (2001; 2006) é nossa inspiração na avaliação da sustentabilidade global enquanto discurso. Para o autor, a globalização considera a existência de três mundos em um só: a globalização como fábula; a globalização como perversidade; e a possibilidade de uma outra globalização.

Da mesma maneira, entendemos que a sustentabilidade global também envolve três discursos em um só. Em um exercício de fabulação, a sustentabilidade global é apresentada como solução, salvação do mundo, mas esse discurso, de fato, encobre o grande problema da atualidade, sua danação, a efetiva insustentabilidade do mundo atual.

Este artigo apresenta parte do trabalho elaborado na tese de doutoramento desta autora (MOYA, 2016). No âmbito da comunicação organizacional, a tese teve como propósito avaliar criticamente o discurso da sustentabilidade global e seu repasse local nas organizações e buscou ponderar sobre a interface da comunicação com a sustentabilidade e seu caráter estratégico, concebendo que só por meio da comunicação é possível a construção de um entendimento efetivo da sustentabilidade que venha a redesenhar o modo de viver.

Neste texto objetiva-se apresentar um recorte da tese, que é a crítica do discurso da sustentabilidade global, a partir da adoção de Milton Santos como inspiração. O trabalho é apresentado em cinco partes, sendo que a primeira trata de Milton Santos, justifica sua escolha e introduz a reflexão sobre a perspectiva tupiniquim; a segunda parte apresenta o entendimento da autora sobre discurso e explicita porque a sustentabilidade global é discurso; a terceira parte desenvolve o tema dos três discursos em um só; a quarta parte apresenta o discurso da sustentabilidade global como solução, salvação do mundo e a quinta parte faz a crítica desse discurso, desvelando a sustentabilidade como problema, danação do mundo.

Milton Santos como inspiração

Milton Santos (1926-2001) é a inspiração na análise do discurso da sustentabilidade global. O autor é considerado um dos maiores intelectuais brasileiros, tendo sido agraciado em 1994 com o Prêmio Internacional de Geografia Vautrin Lud, como reconhecimento de sua contribuição à ciência. Foi professor titular de geografia humana na USP até a aposentadoria compulsória, recebendo o título de Professor Emérito da USP em 1997, mas continuou a pesquisar, publicar e orientar estudantes até o final de sua vida. Recebeu o título de Doutor Honoris Causa de doze universidades brasileiras e sete universidades estrangeiras. É autor de mais de 30 livros e 400 artigos científicos.

A escolha de Milton Santos tem por base quatro pontos principais: primeiro, a postura epistemológica fundada na teoria crítica; segundo, sua análise crítica da

globalização e o conceito de três mundos em um só; terceiro, pelas categorias desenvolvidas em suas análises; e, quarto, por ser brasileiro e analisar o global a partir de um olhar local, isto é, de uma perspectiva tupiniquim.

O primeiro ponto, a postura epistemológica fundada na teoria crítica, tem por referência sua orientação teórica enraizada no pensamento marxista, especialmente em sua obra “A Natureza do Espaço”, de 1996, na qual apresenta toda a sua construção teórica, resultante de anos de estudos e pesquisas, com o objetivo de “ser uma contribuição geográfica à produção de uma teoria social crítica”. (SANTOS, 2006, p. 12-13).

A teoria crítica tem por base o pensamento de Marx (1818-1883) e Engels (1820-1903), para os quais o conhecimento da realidade social deve ser o fator de mudança da sociedade. A sociedade, e portanto a história, são concebidas como produção humana, e os indivíduos, vivendo e trabalhando, as modificam, dentro das condições existentes. (MOYA, 2008).

A perspectiva crítica mostra-se hoje como um caminho próprio nos estudos da comunicação, e em especial na comunicação organizacional. Para Mumby (2010, p.25) a teoria crítica “analisa as políticas do processo de construção do conhecimento mostrando como todas as formas de conhecimento são enraizadas em interesses específicos e surgem de certos contextos históricos, políticos e culturais”. Para Kunsch (2014b) a perspectiva crítica depende de uma visão dialética e trabalha as relações de poder. Wolf (2008, p.84) define a teoria crítica como aquela “que denuncia a contradição entre indivíduos e sociedade como um produto histórico da divisão de classe, e que se opõe às disciplinas que representam tal contradição como um dado natural”.

Em resumo, a perspectiva crítica defende a crítica da ordem social; a rejeição ao positivismo; a comunicação organizacional mais ampla, referente ao contexto da sociedade; fortalece os direitos democráticos e responsabilidades dos membros organizacionais; promove a consciência crítica, a idéia de organizações mais democráticas; e dá ênfase ao aspecto político, entre outros aspectos. (BALDISSERA, 2008; SCROFERNEKER, 2006; MARCHIORI, 2008). E, segundo Mumby (2010) a teoria crítica é muito mais que apenas uma perspectiva, é uma teoria da sociedade e uma teoria do conhecimento. Nesse sentido, pensar comunicação e sustentabilidade requer adotar a perspectiva crítica na medida em que esta, não só faz a crítica de uma realidade, mas caminha no sentido de apontar uma nova relação da comunicação com a sustentabilidade.

O segundo ponto na escolha de Milton Santos deve-se a sua obra “Por uma outra globalização, do pensamento único à consciência universal”, de 2000, um exercício dialético de análise da globalização, que explicita a relação global/ local, questão central no entendimento da vinculação entre globalização e sustentabilidade. A globalização tornou central a questão do espaço, na medida em que agrega e confronta o global e o local, o mundo e o lugar, especialmente para o Brasil, que está ao sul das grandes economias, “um território nacional da economia internacional”. (SANTOS, 2001, p.38).

O autor apresenta o conceito de três mundos em um só, que é utilizado por esta autora, em um paralelo com a comunicação, na crítica do discurso da sustentabilidade global, como três discursos em um só, tópico que será detalhado a seguir.

O terceiro ponto refere-se às categorias tomadas de empréstimo ao autor: a) a totalidade, categoria central do pensamento crítico; b) a relação Global/ Local e sua correspondência com o Mundo/ Lugar e as relações com verticalidades e horizontalidades; c) ideologia, pensamento único e discurso único; d) tirania do dinheiro e da informação; e) possibilidade e condição de oportunidade.

Por fim, a escolha se deve também pela condição de brasilidade do autor, de certa maneira, poder-se assumir uma perspectiva tupiniquim, *a la* Oswald de Andrade, que, segundo Fanini (2012, p.228, nota de rodapé) usou o termo ‘tupiniquim’ “em parte de sua obra, objetivando destacar a condição brasileira específica no terreno material e imaterial”. Ainda segundo a autora,

A perspectiva tupiniquim é, a um só tempo, palco de positividade e negatividade, demonstrando o que somos e o que não somos, como ele mesmo assevera, “*tupy or not tupy*”, em um movimento oscilatório entre o lá e o cá, que vai constituindo uma certa identidade nacional, ora por subtração, ora por acréscimo. Aqui, a expressão tupiniquim se faz no sentido da oscilação entre autonomia e dependência. (FANINI, 2012, p.229 nota de rodapé).

A expressão “perspectiva tupiniquim” mostra-se de uso corrente tanto na produção acadêmica como de senso comum, e tem significado de maneira geral a perspectiva a partir do brasileiro, ou do Brasil. Alguns poucos exemplos ilustram essa utilização. Neri (2000), chefe do Centro de Políticas Sociais do IBRE/FGV e da EPGE/FGV, diz que “o desafio do ministro não está em reescrever, desde uma perspectiva tupiniquim”; Senra (2013), em artigo para a Folha de São Paulo diz que “a curadoria partirá de uma perspectiva tupiniquim”, isto é, do ponto de vista do Brasil; e, em artigo do Jornal do Comércio (2015), o redator diz que “o livro A China Explicada para Brasileiros analisa e explica aspectos da

China sob uma perspectiva tupiniquim”, e esclarece, é “a perspectiva de análise de um brasileiro com raízes na China”.

Cabe lembrar que, na base da escolha por uma perspectiva tupiniquim, está a própria postura de Milton Santos (2001), que exemplifica sua análise fazendo contínuas referências ao Brasil, como a seguir: “o Brasil é emblemático como exemplo, não se sabendo, porém, até quando será possível manter o modelo econômico globalitário e ao mesmo tempo acalmar as populações crescentemente insatisfeitas”. (SANTOS, 2001, p.74).

Discurso e sustentabilidade global

As organizações são produtoras de discursos. Oliveira e Marchiori, (2013. p.14) dizem que as “organizações são vistas como construções discursivas, uma vez que o discurso é a base sobre a qual a vida organizacional se constitui”. Para as autoras, com base em Fairclough (apud OLIVEIRA; MARCHIORI; 2013) o discurso não só é um modo de representação, mas também uma forma de ação, uma forma das pessoas e organizações produzirem uma interferência na sociedade e sobre os outros, entendimento que esta autora adota, na medida em que o pensamento crítico considera a produção do discurso como vinculada às condições de existência – representação – mas, com base na dinâmica dialética, o discurso também pode ser um agente de mudança e promover novas maneiras de viver.

O discurso é produzido por um sujeito e esse sujeito tem uma ideologia. Conforme Orlandi afirma, (2013, p.28) “não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia”. Nesse sentido, esse discurso antecipa o real concreto e o representa, isto é, o re-apresenta.

Putnam (2008) considera que o discurso se mostra adequado ao estudo das organizações, especialmente nos tempos atuais, na medida em que abre novas perspectivas para esses estudos, que possibilita abordar temas como tecnologia e globalização em relação às organizações. Ainda segundo a autora, cabem aí também “a preocupação por questões políticas e sociais como sustentabilidade, cuidados com a saúde, pobreza e bem-estar social”, novos assuntos dos estudos organizacionais. (PUTNAM, 2008, p.226).

A sustentabilidade tem diversos entendimentos, sentidos e interpretações, muitas vezes conflitantes. Na própria ONU, dentro da concepção de desenvolvimento sustentável, várias contribuições foram discutidas e apresentadas na preparação da Conferência Rio+20, como os estudos do PNUMA (2011) que defende a proposição da economia verde; a análise

do PNUD (2011), com foco na equidade; o entendimento da UNESCO (2011) sobre sociedades verdes, e o relatório do PAINEL (2012), que adota aspectos de todos os estudos anteriores e talvez seja o mais enfático quanto à necessidade de mudança nos padrões de produção e consumo. (MOYA, 2013).

A sustentabilidade se apresenta como prática e como discurso. No dizer de Acsehrad (1999), a noção de sustentabilidade, contrariamente aos conceitos analíticos, submete-se à lógica das práticas, na busca de efeitos sociais desejados. Na perspectiva miltoniana, a sustentabilidade enquanto prática, situa-se na dimensão da técnica, e é efetivada na dimensão local. Por sua vez, a sustentabilidade global se dá na dimensão global e situa-se na dimensão política, sendo discurso. O próprio PAINEL (2012), adota a expressão “sustentabilidade global”, e afirma que, em sua visão de longo prazo, para além do equilíbrio dos chamados pilares do desenvolvimento econômico, social e ambiental, tem no horizonte: a erradicação da pobreza, a diminuição da desigualdade, o crescimento inclusivo, a produção e consumo mais sustentáveis, o combate à mudança climática e o respeito aos limites do planeta.

Três discursos em um só

Milton Santos (2001), com base na teoria social crítica que elaborou, ao refletir sobre a globalização em um exercício de metodologia dialética, considera a existência de três mundos em um só: a globalização como fábula; a globalização como perversidade; e a possibilidade de uma outra globalização. Conforme diz:

De fato, se desejamos escapar à crença de que esse mundo assim apresentado é verdadeiro, e não queremos admitir a permanência de sua percepção enganosa, devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só. O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; e o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização. (SANTOS, 2001, p.9).

Da mesma maneira pode-se reconhecer, na avaliação do discurso da sustentabilidade global, três discursos em um só: o primeiro, a sustentabilidade como solução, salvação do mundo; o segundo, a sustentabilidade como problema, danação do mundo; e o terceiro, que uma outra sustentabilidade é possível.

Como diz Milton Santos (2001, p.9), o mundo globalizado nos é apresentado como fábula, é “o mundo como nos fazem vê-lo”. E continua:

estamos diante de um novo “encantamento do mundo”, no qual o discurso e a retórica são o princípio e o fim. Esse imperativo e essa onipresença da informação são insidiosos, já que a informação atual tem dois rostos, um pelo qual ela busca instruir, e um outro, pelo qual ela busca convencer. (SANTOS, p. 2001, p.20).

A sustentabilidade como solução, salvação do mundo

O mundo atual demanda o exercício de fabulações. (SANTOS, 001). O discurso da sustentabilidade global se configura como solução, salvação do mundo, com a divulgação do relatório “Nosso Futuro Comum” (BRUNDTLAND et al, 1991), também chamado de Relatório Brundtland. É quando o tema da sustentabilidade passa a ter relevância, sendo razão de convocação de uma nova conferência das Nações Unidas sobre meio ambiente, a Conferência Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, inicialmente chamada de Eco-92; depois de Cúpula da Terra e posteriormente, Rio-92. Conforme DO LAGO (2006), a ONU, com a adoção do tema do desenvolvimento sustentável, passa a ser referência mundial na discussão da sustentabilidade, o que deu prestígio e poder à instituição. A expressão “desenvolvimento sustentável” foi primeiro utilizada no Relatório Brundtland sendo apropriada tanto pela Conferência Rio-92 como pela ONU. Segundo Becker (apud DO LAGO, 2006, p.56) a expressão vincula dois discursos em crise, do desenvolvimento e do meio ambiente, e, conforme diz “tem a promessa de um possível resgate dessas crises”.

Na Conferência é proposto e integralmente aceito e adotado o conceito de desenvolvimento sustentável na dimensão intergeracional: “desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender suas próprias necessidades”. (BRUNDTLAND et al, 1991, p.56).

Também é formalmente adotado o conceito de que o desenvolvimento sustentável deve responder ao *triple bottom line*, ao equilíbrio de seus três pilares – econômico, social e ambiental. Segundo o Painel de Alto Nível do Secretário-Geral das Nações Unidas sobre Sustentabilidade Global, PAINEL (2012, p.9), o conceito de desenvolvimento sustentável foi apresentado “como um novo paradigma para o crescimento econômico, igualdade social e sustentabilidade ambiental”. Assim, “o desenvolvimento sustentável apresenta-se como uma fórmula politicamente aceitável de promoção de ‘valores’ econômicos, políticos e éticos do Ocidente”. (DO LAGO, 2006, p.88).

Ainda, segundo o Relatório, as conclusões apontaram para uma vinculação entre a escassez de recursos naturais e o aumento da pobreza mundial, em um ciclo vicioso que liga os problemas ambientais, entendidos como poluição do mundo, à pobreza, o que significa a responsabilização dos pobres pela degradação dos recursos naturais. E a partir daí, torna-se necessário buscar reduzir a pobreza para mitigar o dano ambiental. Segundo Do Lago (2006, p.64): “O Relatório Brundtland [...] chegou no momento em que se fortalecia nova fase de atribuição de todos os males aos países em desenvolvimento ou aos países do bloco socialista”.

A sustentabilidade como problema, dano do mundo

Para Milton Santos (2001), o mundo globalizado, apresentado como fábula, esconde o mundo concreto em que a globalização efetivamente se mostra perversa. Ao analisar a globalização como perversidade, o autor considera a perversidade como “perversidade sistêmica” e se refere à realidade como “uma fábrica de perversidade”. (SANTOS, 2001, p.29). Esse sistema perverso estabelece um pensamento único e legitima um discurso e ação hegemônicos.

De modo semelhante entendemos que a sustentabilidade, apresentada como solução, salvação do mundo tem, por trás, concretamente, um mundo de problemas. A sustentabilidade como solução tem instituídos três pontos centrais em seu discurso: a responsabilização dos pobres pelas más condições ambientais do planeta; a defesa da harmonia entre economia, ambiente e sociedade; e o legado de um mundo capaz de responder às necessidades das futuras gerações. Um olhar crítico sobre esse discurso já desvela como fundamento material a globalização, produtora de grande parte dos problemas atuais da insustentabilidade global, bem como da temida pobreza.

A vinculação entre globalização e sustentabilidade resulta de um modelo econômico que busca, incessantemente ampliar mercados, e para isso requer a intensificação dos padrões de produção e consumo, o que tem como consequência o aquecimento global, dado o uso de combustível fóssil (VEIGA, 2011), e uma pegada ecológica que já não consegue fazer frente ao que é demandado do planeta. (INPE,2015). A análise da desigualdade mundial desvela que não é a pobreza, os países pobres, mas sim os ricos, que respondem pela degradação intensiva do planeta. (RAWORTH, 2012; VEIGA, 2012).

Para Do Lago (2006), o período entre as conferências Rio-92 e a de Joanesburgo, em 2002, representou o período de maior crescimento econômico da história, um momento

em que se efetiva a globalização. Mas, no dizer do autor, a globalização não tem se pautado pela orientação do desenvolvimento sustentável:

O desenvolvimento associado à globalização, no entanto, não segue os preceitos do desenvolvimento sustentável. A globalização, em sua fase atual, parece corresponder mais ao capitalismo selvagem do que à visão mais humanista contida no conceito de desenvolvimento sustentável. (DO LAGO, 2006, p.88-89).

A própria ONU assume a desigualdade da distribuição dos benefícios e dos custos da globalização na Declaração do Milênio de 2000: “se é certo que a globalização oferece grandes possibilidades, atualmente os seus benefícios, assim como os seus custos, são distribuídos de forma muito desigual”. (UNITED NATIONS MILLENNIUM DECLARATION, 2001, p.4). E na questão da produção de GEE - gás de efeito estufa, conforme Pacala (apud ASSADOURIAN, 2010), 7% da população mundial, as 500 milhões de pessoas mais ricas do mundo, respondem por 50% das emissões globais de dióxido de carbono, enquanto 45% da população, isto é, três bilhões de pessoas mais pobres do mundo respondem por apenas 6% das emissões globais de dióxido de carbono.

Por sua vez, a medida mais conhecida que resume um padrão de consumo é a pegada ecológica, que representa quanto, em hectares (ha), uma pessoa ou um país, usa para se sustentar (INPE, 2015). Se fôssemos viver todos com o mesmo padrão de consumo dos Estados Unidos, por exemplo, precisaríamos de mais de cinco planetas; no padrão de consumo da Europa seriam 2,7 planetas; no padrão da China, 0,9, menos de um planeta e, no caso do Brasil, 1,1 planeta. (INPE, 2015).

Em resumo, o discurso da sustentabilidade global que se apresenta como solução, salvação do mundo, ao atribuir aos pobres a causa da degradação ambiental, isto é, ao estabelecer que a escassez de recursos naturais resulta da pobreza mundial, revela-se como exercício de fabulação, produto de uma ideologia que reproduz e mantém a globalização atual e que, ao responsabilizar os países pobres, desresponsabiliza os países ricos do impacto de suas ações e esvazia as relações de dominação que aí ocorrem, por meio da desistorização do social histórico, apresentando uma imagem de mundo único e harmonioso.

Um outro ponto do discurso da sustentabilidade global é a proposição da harmonia entre os três pilares, o econômico, o ambiental e o social. O próprio PAINEL (2012) assume a crítica da questão. Em suas palavras:

Há vinte e cinco anos, o Relatório Brundtland introduziu o conceito de desenvolvimento sustentável à comunidade internacional como um novo paradigma para o crescimento econômico, igualdade social e sustentabilidade ambiental. Afirmava que o desenvolvimento sustentável poderia ser alcançado por meio de um marco regulatório integrado que englobasse esses três pilares.

O problema é que, 25 anos depois, o desenvolvimento sustentável continua sendo um conceito de aceitação generalizada em vez de uma realidade prática cotidiana. (PAINEL, 2012, p.19).

Na perspectiva do pilar econômico, o que se tem é um modelo econômico falido com crises econômicas e financeiras frequentes. (PNUMA, 2011). Até o próprio PAINEL (2012) fala da mudança urgente do paradigma econômico vigente, mudança traduzida como a necessidade de “uma nova economia política para o desenvolvimento sustentável”. (PAINEL, 2012, p.20). E assim se explicita, como diz Boff (2012), a insustentabilidade do sistema econômico-financeiro mundial.

No pilar social, os desequilíbrios sociais mostram um mundo cheio, com mais de 7 bilhões de pessoas, onde a distância entre os países ricos e os países pobres só aumenta, desigualdade que se mostra como uma questão de justiça social, a começar pela questão da fome, pois apesar da produção suficiente de alimentos, cerca de uma em cada seis pessoas sofre com a fome (RAWORTH, 2012). O G-7, grupo da ONU dos países mais ricos do mundo soma 10% da população mundial, mas detém 45% da renda do mundo. (WORLD BANK, 2015).

No pilar ambiental, os serviços ecossistêmicos, o capital natural, base para a sustentação da vida no planeta, mostram sinais de exaustão, em razão de uma pegada ecológica resultante do modelo econômico que atualmente requer um planeta e meio (INPE, 2015; BOFF, 2012) para sustentar os padrões de produção e consumo de apenas uma parcela da população mundial, enquanto o impasse entre crescimento econômico e preservação ambiental mostra-se sem solução.

A ação do homem sobre o planeta leva ao reconhecimento de uma nova era geológica, o Antropoceno. (BOFF, 2012). Em dimensão planetária, a discussão da sustentabilidade, ao avaliar os limites do planeta (ROCKSTRÖM, 2009) indica que, das nove fronteiras, processos do sistema-Terra pressionados pela ação humana, três delas já foram cruzadas. A mudança climática, resultante do aquecimento global mostra-se hoje a maior ameaça à vida na Terra, com o risco do fim da espécie. (PAINEL 2012). É a insustentabilidade do Planeta Terra e da vida no planeta.

Afirma-se assim, a insustentabilidade dos três pilares, incompatível com o discurso da sustentabilidade global, que se apresenta como solução, salvação do mundo, ao propor a harmonia, o equilíbrio entre os três pilares, econômico, social e ambiental.

O terceiro ponto do discurso da sustentabilidade global considera que “desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender suas próprias necessidades”. (BRUNDTLAND et al, 1991, p.56). Entretanto, esse discurso não tem credibilidade, na medida em que, já se sabe, não é mais possível garantir às gerações futuras os recursos naturais até há pouco ainda disponíveis. (PNUMA, 2011; ASSADOURIAN, 2010).

Soma-se a isso a crítica ao discurso dos três pilares; o modelo econômico da superprodução e do superconsumo e a pegada ecológica que demanda um planeta e meio; a injustiça social e o mundo cheio; a crescente perda da biodiversidade e a ultrapassagem dos limites planetários, o inexorável aquecimento global e o mundo sob ameaça. Nesse sentido, o discurso do desenvolvimento sustentável como garantia intergeracional é pura ideologia, mais uma parte do discurso hegemônico, visando tão somente a manutenção do modelo econômico atual.

Dessa maneira, a crítica do discurso da sustentabilidade global como solução, salvação do mundo mostra que esse discurso apresenta, de fato, uma sustentabilidade impossível, como visto no seu reverso, a sustentabilidade como problema, dano do mundo.

Mas, como diz Milton Santos em seu exercício dialético, para além da fábula e da perversidade, uma outra globalização é possível, também pode-se dizer que, para além da chamada salvação e da efetiva dano do mundo, um outro mundo é possível e escolher seguir um novo caminho, uma outra sustentabilidade, na qual a comunicação é a estratégia possível, e o discurso, um agente de mudança na promoção de novas maneiras de um viver sustentável.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. Discursos da sustentabilidade urbana. In **R. B. Estudos urbanos e regionais**. n° 1/ maio, 1.999, p. 79-90.

ASSADOURIAN, E. Ascensão e queda das culturas de consumo. In The Worldwatch Institute. **O estado do mundo 2010: transformando culturas**. Do consumismo à sustentabilidade. Salvador, BA: UMA Editora, 2010.

BALDISSERA, Rudimar. Comunicação organizacional: uma reflexão possível a partir do paradigma da complexidade. In: OLIVEIRA, Ivone L.; SOARES, Ana T. N. (orgs.). **Interfaces e tendências da comunicação no contexto das organizações**. São Caetano do Sul: Difusão Editora. 2008, p.149-177.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é: o que não é**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BRUNDTLAND, G. H. *et al.* **Nosso futuro comum**. Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (Rio+20). **O futuro que queremos**. Documento final da Conferência, 2012. Disponível em <http://www.onu.org.br/rio20/documentos/>. Acesso em 22/06/2012.

DO LAGO, André A. C. **Estocolmo, Rio, Joanesburgo. O Brasil e as três conferências ambientais das Nações Unidas**. Brasília: Ministério das Relações Exteriores/ FUNAG, 2006.

FANINI, Angela M. R.; MACIEL, Aline P.. O Rei da Vela, de Oswald de Andrade, e a representação simbólica do contexto industrial e tecnológico brasileiro. In **SOLETRAS** – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ Número 24, jul.-dez. 2012.

GHEMAWAT, P. **World 3.0: global prosperity and how to achieve it**. Boston: Harvard Business Review Press, 2011.

INPE - INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS. Disponível em <www.inpe.br>. Acesso em 20 de setembro de 2015.

JORNAL DO COMÉRCIO. **Negócio da China**. Disponível In:
http://jcrs.uol.com.br/_conteudo/2015/09/cadernos_empresas_e_negocios/456775-negocio-da-china.html. Acesso em 10 de julho de 2016.

KUNSCH, Margarida M. K. Comunicação organizacional: contextos, paradigmas e abrangência conceitual. **MATRIZES**, v. 8, n. 2, p. 35-61, 2014b.

KUNSCH, Margarida M. K. Et al. **Políticas e estratégias de comunicação na gestão da sustentabilidade nas organizações públicas e privadas**. Relatório técnico-científico de Projeto de Produtividade em Pesquisa – PQ. CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. São Paulo, 2014a.

LOPES, Maria Immacolata V. **Pesquisa em comunicação**. 10.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

MARCHIORI, Marlene. Comunicação organizacional e perspectivas metateóricas: interfaces e possibilidades de diálogo no contexto das organizações. In: OLIVEIRA, Ivone L.; SOARES, Ana T. N. (orgs.). **Interfaces e tendências da comunicação no contexto das organizações**. São Caetano do Sul: Difusão Editora. 2008, p.170-200.

MOYA, Iara M. S. **Crítica do discurso da sustentabilidade global: A comunicação como estratégia possível**. 2016, 259 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MOYA, Iara M. S. **Imagens da hospitalidade: ideologia e encontro, um olhar sociológico**. 2008, 108 f. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) - Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2008.

MUMBY, Dennis K. Reflexões críticas sobre comunicação e humanização nas organizações. In KUNSCH, Margarida. M. K. **A comunicação como fator de humanização das organizações**. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2010.

NERI, Marcelo. Além do foco. In **Revista Conjuntura Econômica**, junho/ 2003. Disponível In: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rce/article/viewFile/29642/28491>
Acesso em 10 de julho de 2016.

OLIVEIRA, Ivone L. MARCHIORI, Marlene. Organizações como construções discursivas. In OLIVEIRA, Ivone L. MARCHIORI, Marlene. (orgs.). **Comunicação, discurso, organizações**. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2013.

ORLANDI, Eni P. Discurso científico e interpretação: uma questão para o cientista. In OLIVEIRA, Ivone de Lourdes. MARCHIORI, Marlene. (orgs.). **Comunicação, discurso, organizações**. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2013.

PAINEL DE ALTO NÍVEL DO SECRETÁRIO GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE SUSTENTABILIDADE GLOBAL. **Pessoas resilientes, planeta resiliente: um futuro digno de escolha**. Nova York: Nações Unidas, 2012. Disponível em <<http://www.onu.org.br/docs/gsp-integra.pdf>>. Acesso em 15/05/2012.

PNUMA - PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável e a erradicação da pobreza** – Síntese para tomadores de decisão. PNUMA, 2011. Disponível em <http://www.pnuma.org.br/publicacoes_detalhar.php?id_publi=92>. Acesso em 18/03/2012.

PUTNAM, Linda. Organizações e seus aspectos sutis. In: Entrevista. **Revista Organicom**. número 9, 2º. Semeste, p.218-226, 2008.

RAWORTH, K. **Um espaço seguro e justo para a humanidade. Podemos viver dentro de um “donut”?** Oxfam GB, 2012. Disponível em <<http://www.oxfam.org>> Acesso em 10/05/2013.

ROCKSTRÖM, J. et al. **A safe operating space for humanity**. In Nature no. 461, 24 de setembro de 2009, p.472-5.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Coleção Milton Santos; 1).

SCROFERNEKER, Cleusa M. A. Trajetórias teórico-conceituais da comunicação organizacional. In: **Revista Famecos**. No. 31, dezembro de 2006. Disponível em puhrs.br/famecos/pos.

SENRA, R. A sinagoga virou história. **Caderno São Paulo**, Folha de São Paulo, 08/ 09/ 2013. Disponível In: <http://www1.folha.uol.com.br/revista/saopaulo/2013/09/08/1338441-a-sinagoga-virouhistoria.shtml>. Acesso em 10 de julho de 2016.

UNITED NATIONS MILLENNIUM DECLARATION. **Declaração do milênio**. DPI/2163 - Portuguese – 2000. Lisboa: United Nations Information Centre, 2001. Disponível em <<http://unric.org>>. Acesso em 03 de abril de 2012.

UNITED NATIONS. **Prototype global sustainable development report**. Online unedited edition. New York: United Nations Department of Economic and Social Affairs, Division for Sustainable Development, July 2014. Disponível em <<http://sustainabledevelopment.un.org/globalsdreport/>>. Acesso em 02/02/2015.

UNITED NATIONS MILLENNIUM DECLARATION. **Declaração do milênio**. DPI/2163 - Portuguese – 2000. Lisboa: United Nations Information Centre, 2001. Disponível em <<http://unric.org>>. Acesso em 03 de abril de 2012.

VEIGA, José Eli. Três antídotos para reverter a choradeira. **Folha de São Paulo**, 21 de junho de 2012.

VEIGA, José Eli. **Sustentabilidade, a legitimação de um novo valor**. 2ª. ed. São Paulo: Editora Senac, 2011.

WOLF, M. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WORLD BANK. Disponível em <www.worldbank.org>. Acesso em 10 de setembro de 2015.